

COELHO DE HORAES

O
CASO
DOS
TRES PIMENTA

roteiro
baseado em Verissimo e Allen
e autores outros

O CASO DOS TRES PIMENTA

- roteiro de Coelho De Moraes baseado numa fusão de textos de
Luis Fernando Veríssimo, Luis Fraga, Antonio Caetano, Buñuel e CDM –

Kaiser Lupowitz / Serginho Henrique / Senhora Pimenta

Pimenta / Motorista / Agente

Comentaristas em cenas paralelas / figuras

Direitos de Cópia e Uso
Cecília Bacci & Guilherme Giordano
ceciliabaccibscm@yahoo.com.br
menuraiz@hotmail.com

EDITORA ALTERNATIVAMENTE
produtoresindependentes@yahoo.com.br
TIRAGEM 20 000 POR E-MAIL

FONTE EXCLUSIVA DE DOWNLOAD
<http://www.paginadeideias.com.br>
Coleção BROCHURA / PDF / ESPIRAL

Capa
COELHO DE MORAES
coelho.de.moraes@bol.com.br

Cidade de Mococa
MAIO
São Paulo
2011

CENA I

INT. NOITE PENUMBRA. SALA DOS PIMENTA

Pessoa procura / varredura sobre os objetos da sala / meio irritado o ator / luz no corredor / a pessoa olha / outra pessoa entra / está armado / o primeiro vê a pessoa e a reconhece meio que sorri / a luz se acende / o ator continua sua procura / a segunda se aproxima com a arma até a cara da primeira que é Pimenta

PIMENTA

Para com essa brincadeira... tira isso daí
(afasta o cano da espingarda)

Onde está gravura? Preciso dela agora.
(sempre afasta o cano da espingarda)

Chega disso... eu preciso de dinheiro agora... onde está?
(tiro estoura a cabeça do Rognon)

CENAS 2

Créditos sobre gravura de Piranesi e música

CENA 3

MESMO LOCAL

(detetives observam o corpo / dentre os detetivess está KAISER LUPOWITZ / com sobretudo e chapéu de detetive noir / outros fotografam / outros anotam / preocupação

CENA 4

NOITE / RUA

Agente chega de motocicleta / toda de preto / dá um giro e para observando o muro e tomando cuidados com os que podem vê-la / retira uma corda e trepa no muro pela grande / salta / corre pára o ajardinado / fica rente à parede / faz a dobra da esquininha /

CORTE PARA DENTRO DA CASA DOS PIMENTA

O agente vasculha com uma lanterninha / procura / papeis / pega documentos e enfia na roupa / de repente barulho / luz que acende / agente corre e foge

CORTE PARA ÁREA AJARDINADA

Refaz o trajeto voltando pela esquininha / todo cuidado é pouco / cruza os jardins / salta pelo muro / desfaz corda ruma para a moto e vai embora.

CENA 5

INT. MORGUE / PAREDE DE AZULEJOS

(Senhora Pimenta e Kaiser Lupowitz olham para o cadáver

Tomada de baixo para cima

Senhora Pimenta diz que é ele / impassível / Kaiser observa bem a mulher / cobre a lente da câmara como se cobrisse o corpo)

CENA 6

EXT. NOITE. RUA

(Kaiser atravessa a rua e vai comer pastel na lanchonete / agradecimentos / KAISER encontra com agente e comem juntos / ela já está com o sanduíche e boca cheia / ela chega)

AGENTE

Vocês moram juntos, é?

KAISER

(tédio)

Passo metade do meu tempo explicando para as pessoas que não sou amante de Sergio Henrique... moramos no mesmo apartamento, só isso.

AGENTE

É que é muito estranho.

KAISER

Eu durmo no que era o quarto de empregada. Sergio dorme no outro extremo, bem longe, quase a uma quadra de distancia, naquilo que ele chama de sua "Suite Piranesi". Mas e aí... encontrou alguma coisa que me interessa?

AGENTE

(lança os papeis sobre a mesa e estende a mão)

KAISER

Pagamento só depois. Primeiro vou examinar essas coisas.

AGENTE

(o olha com desdém / bebe o resto do chopp / e vai embora)

CENA 7

INT. CASA DE KL E SH

(kaiser entra / tira o sobretudo / Sergio Henrique vem do banho / toalha na cabeça e roupa provocante / senta-se melífluo no sofá / KL olha, pondo balas no revolver, um tanto alheio)

SERGINHO

Kaiser... Você sabe que sou obcecado por Giambattista Piranesi, e suas ruínas fantásticas.
(põem um CD _ ária de ópera de Otelo onde Iago canta que crê num Deus cruel,
e deita-se no chão)...
se eu pudesse eu forrava meu quarto com gravuras de Piranesi.

KAISER

Sei... Que foi... está triste? Otelo?

SERGINHO

Ah! Os meninos estiveram ai mas eu não me animei.

KAISER

(aponta o CD com a cabeça)

Otelo.

(Serginho se cala)

Você sabe que quando estou deprimido não quero falar com ninguém...
nem mesmo com você.

KAISER

Não se preocupa, eu só moro aqui mesmo. Tirando o fato de que saímos da mesma cidade...
a cidade das vacas...

SERGINHO

(já em pé)

Esse negócio de vaca não tem nada a ver comigo. Kaiser...

(retira o CD do player)

KAISER

Sabe quem morreu? Aquele Pimenta.

FLASH DO PASSADO

SERGINHO

(pasma / flash do passado / explosivo / deve ter outro tom / uma pessoa no fundo se
aproxima / casa de Serginho OU Casa da Cultura)

Kaiser, deixe que eu apresente. Este é o Dr. Pimenta. Doutor Pimenta...

Kaiser, Kaiser Doutor Pimenta.

KAISER

Kaiser Lupowitz, para servi-lo.

PIMENTA

Muito prazer.

SERGINHO

Kaiser é detetive particular, desses de... (e começa fazer movimentos com as mãos que nada dizem e nada significam... ele para e segura, afetado, a gola da camisa, – talvez uma gola olímpica, olha ao léu).

PIMENTA

Sergio Henrique tem excelente reputação...

SERGINHO

Reputação... (envergonhado) como reputação?... que é isso senhor Pimenta... Eu sou pouco reputado. Reputar não é comigo.

PIMENTA

Não... não... o senhor é famoso. Reputação como consultor de arte, me entendem, e vim pedir-lhe auxílio... (para o Kaiser) o senhor é... (movimentos de mão e olhos.... breve mal estar)

KAISER

Não... não... eu durmo no quarto da empregada e nada mais.

PIMENTA

Eu só queria tirar algumas dúvidas...

KAISER

A meu ver não há dúvida alguma... é só o quarto da empregada...

PIMENTA

Mas tenho certeza de que o Sr. Sergio sabe escolher, definir e incluir...

KAISER

Sim, sim, mas ele não inclui nada... na verdade ele excluiu... Nem escolheu nem definiu nada do que o senhor está pensando...

PIMENTA

Bem... desculpe...

(olha o relógio)

... de qualquer maneira, é minha hora e estou de saída.

SERGINHO

O dr. Pimenta tem dúvidas...

PIMENTA

Tinha... tinha... não tenho mais.

SERGINHO

Sim... chusto... chusto... tinha dúvidas sobre a autenticidade de uma certa gravura alemã do século XV que ele comprara... e eu disse que amanhã irei vê-la e dar... ... dar um parecer...

PIMENTA

(olhando o relógio) ... bem, é hora... (cumprimentos e P sai).

Devo ir. (sai, S o acompanha)

RETORNO DO FLASH

SERGINHO

(flash de retorno / fim da lembrança / Sergio olha bem em Kaiser)

Ah. Que pena... Como estava o pastel de Santa Clara que você comeu esta tarde, entre as quatro e as seis?

KAISER

(bate palmas)

Mas... Isso é espantoso, Serginho.! Que poder de dedução! (pega o sobretudo) Como você sabe que eu comi um pastel de Santa Clara esta tarde, por volta das quatro e meia?

SERGINHO

Elementar, meu querido. Ou devo dizer alimentar, meu caro? Há minúsculos farelos de pastel na frente do seu sobretudo. Quando você saiu, esta manhã, não vestia o sobretudo. Provavelmente estava no escritório, para o caso de mudar a temperatura. Que efetivamente mudou por volta das quatro horas. Foi antes das seis porque esse específico, e delicioso tipo de pastel de Santa Clara só é vendido numa confeitaria da cidade, que coincidentemente fica perto do seu escritório, e fecha às seis. Só espero que o pastel não tenha estragado o seu apetite. Preparei trutas en beurre noire para o nosso jantar. Sirva o xerez.

KAISER

Você ouviu o que eu disse sobre o Pimenta?

SERGINHO

(desdenha)

Ouvi... foi uma pena...

(Os dois brindam, Serginho desconversa / mexe no CD / de repente a mesma música do Otelo.)

CENA 8

(EXT. PRAÇA. Casal caminha lendo jornais / cada um na sua / sentam-se no mesmo banco

A

Ouviu falar do caso dos Pimenta?

B

Ouvi! Coisa escabrosa. Um horror. Um horror.

A

Exatamente. Para dizer o mínimo. Um horror. Todos comentam na cidade.

A

Isso não é novidade. Em Nova Yorque ou em Muganga,
todo mundo fala de todo mundo.

B

É... Com meias palavras pode-se dizer tudo. Especialmente em Muganga.

A

Pode-se dizer tudo pela metade... você quer dizer.

Pode-se dizer tudo pela metade.

B

Isso é você quem diz. Sempre escondendo algo.

A- Eu não escondo nada. Ah! O caso dos Pimenta está aqui no jornal. Basta ler.

B

Eu não sabia que ele tinha um caso.

A- Não é esse tipo de caso. É do crime. É disso que estou falando.

A

Meia palavra aqui, meia palavra ali e já temos uma mentira completa.

B

Ou uma verdade completa.

A

Quem usa de meias palavras é de inteira desconfiança.

B

Eu estou lendo. Não estou inventando nada.

A

Mas, os jornais inventam... ou escondem... ou deixam de publicar fingindo que não é com eles. Aqui em Muganga é assim. Tantos jornais e nenhum deles se preocupa com a verdade verdadeira.

B

E, por acaso há verdades mentirosas? Quero lá eu saber de Muganga. Falo dos grandes centros... de Nova Yorque... é disso que eu falo... e leio... principalmente leio... o caso dos Pimenta, por exemplo. Letras garrafais na primeira página.

A

A única vantagem que vejo nessas meias palavras é que são mais fáceis de engolir e o texto acaba mais rápido.

B

Os jornalistas dizem. Nós lemos. E interpretamos. É questão de bom senso. De boa vontade até, afinal o jornalista deseja nos informar.

A

Sem boa vontade não se consegue nada, você tem razão. Com boa vontade se consegue a mesma coisa. Sem liberdade a verdade não aparece.

B

Você está um tanto incrédulo. No entanto, eu acredito que jornalistas e policiais farão de tudo para resolver o caso, afinal, os Pimenta são muito ricos e, ainda por cima,

colecionadores de obras de arte. E neste jornal, tudo está muito bem contado... em detalhes, até.

A

Ah! Aí está. Um homem deve resistir até o fim. Ou, pelo, menos, até o começo.(ri) E essa gente já está com o olho nos dividendos que reportagens e matéria policial podem dar. Tudo fica muito claro. Só os destaques aparecerão.

B

Ninguém tem culpa de ser estúpido.

A

Mas, nem por isso deve ser absolvido. Nem de morar no interior.

B

Há quem viva para o bem.

A

Eu sei. Mas, tem gente, ao contrário, que prefere ser mais popular.

B

Acontece que se pegarem o criminoso, ou criminosos, seja lá por qual motivo for, jornalistas e policiaes darão um excelente exemplo. E dar bons exemplos é gratificante, edifica e produz bons frutos.

A

Só que dar maus exemplos é sempre mais lucrativo.

B

Hoje você está impossível. Vou ler meu jornal sossegado. Dá licença.
(cada um sai para um lado)

CENA 9

INT. CASA DE SERGINHO

(S. estava estendido no tapete persa, equilibrando um martini seco sobre o peito).

KAISER

O que foi? Se importa se eu perguntar? Posso ajudar você em alguma coisa?

SERGINHO

É minha receita especial, Martini Just Friends.

(fazendo pose, levanta-se e baila pelo palco)

Coloca-se um copo cheio de gim junto a uma garrafa de vermouth o tempo suficiente para os dois se conhecerem, mas não para se misturarem, em quantidade suficiente para se fugir deste mundo, para sempre... por longo tempo...

KAISER

O que foi?

(tensão KL anda pela sala, deposita o sobretudo, senta-se, silêncios, jazz).

SERGIO

Nada...pensava no Pimenta foi assassinado.

KAISER

O mesmo Pimenta que esteve aqui...

SERGIO

Qual outro Pimenta, tolinho! ?

KAISER

O Doutor Pimenta da gravura? Fale mais sobre isso.

SERGIO

Chusto! O detetive em ação... Falarei... com o tempo...

KAISER

O tal Doutor Pimenta que pediu seu auxílio por causa da obra alemã?

SERGIO

E-xa-te-man... eu tinha ir lá esta tarde, dar um parecer sobre a obra?

KAISER

Aparentemente, foi a última pessoa a vê-lo vivo, fora o assassino, é claro.

SERGIO

Sou um suspeito, Kaiserzinho?

KAISER

Pela lógica.

A polícia suspeita que você e o assassino podem ser ou eram a mesma pessoa.

SERGIO

Felizmente, eu tenho um álibi.

KAISER

Qual?

SERGIO

(devaneio / extasiado / colagens e coisas do conto de fadas / voz off)

Ah! Meu álibi se chama Roque e tem longos cabelos loiros, orelhas grandes e pés imensos.

Parece um lobo mau... eu estava toda de vermelho, usando um capuzinho muito fashion...

Estive com ele aqui toda a tarde e ele confirmou isso...

(fim do devaneio)

KAISER

(finaliza a taça)

Parece mesmo o lobo mau..!

SERGIO

E por acaso existe lobo bom, Kaiser, meu bem?... Lobo que se preze tem que ser mau...
Enfim, o Roque confirmou... (rindo) Mas, só depois que ameacei retomar o par de tênis que
lhe dei de presente no Dia dos Namorados. Ai! (passa a mão pela testa) Um Valentine Day
perdido para sempre.

KAISER

O Pimenta foi morto com um tiro na cara.

SERGIO

Por que?

KAISER

Não sei. Só sei que não foi por razões estéticas,
porque a cara ficou pior do que era.

SERGIO:

Assalto, então?

KAISER

Levaram só uma coisa do apartamento.
A tal gravura alemã do século XV, de um tal Schongas...

SERGIO

Chustamente a que eu tinha ido examinarrrrr... Schongauer querido...

KAISER

A gravura alemã de Schongauer... Um ladrão de ótimo gosto.

SERGIO

: ... E pouca percepção, meu caro. A gravura era falsa, falsíssima... (jocosos) Fake! Fake!

Fake! A não ser que exista um Schongauer em Arceburgo fazendo gravuras muito parecidas com as do Schongauer seu antepassado alemão.

O estranho é que...

KAISER

(já anotando em seu caderninho)

O que? Fala! Fala!

SERGIO

Você se lembra do outro caso Pimenta, de muitos anos atrás?

KAISER

Outro caso Pimenta?

SERGIO

Sim... gente da mesma família... tudo se repete... Irmão deste nosso doutor-assassinado-Pimenta. Morreu da mesma maneira. Um tiro na cara. Ficou irreconhecível. Na época chegou-se a falar que era um assassinato político. Mas a família negou. Diziam, naquela época, que o Pimenta era homossexual, e, que morrera por causa disso.

KAISER

Hmmm, sei.

SERGIO

(repentinamente)

Bem observado. É melhor descansarmos... (sai esvoaçando)
vou para o meu quarto... quer ir? (S sai fazendo trejeitos. Kaiser abana negativamente a cabeça / Kaiser anota mais alguma coisa no caderninho, vai á janela e vê que tem gente de plantão espionando).

DESVANECE

CENA 10

EXT. ESCOLA. ALUNOS

(duas pessoas)

A

O importante é competir.

B

Bem entendo essa família Pimenta que sai a todo momento no jornal.

A

O importante é competir por qualquer lugar, contanto que seja acima da segunda colocação.

B

Tudo na vida é passageiro. Inclusive a fama... Tudo é passageiro, menos as pessoas que viajam de ônibus e nunca são tratadas como passageiros.

A

Veja o Pimenta que teve a cabeça estourada, por exemplo. Riquíssimo.

B

Se a moda pega de estourar a cabeça dos ricos... to dentro. Darei minha contribuição.

A

Um dia, eu espero, toda humanidade esquecerá suas diferenças e viverá harmoniosamente.

B

Isso não vai passar de um dia! Só! Pobre Pimenta!

A

Pobre... não. Rico Pimenta! Colecionador de papiros,
esculturas, quadros a óleo, está morto!

B

Qualquer pessoa tem coragem de entrar em qualquer hospital desde que esteja com saúde,
é claro.

A

Não foi o caso do Pimenta!

B

É isso que dá, nadar contra a corrente é fácil..
quero ver é dar braçadas com as algemas.

A

Só quando pegarem o assassino...

B

Já sabem que é homem?

A

Não... é apenas modo de falar... o assassino... mas pode ser mulher...

B

Sei... quanto mais ignorantes nesse caso mais facilita a vida dos criminosos?

A

Por que? Já sabem que foram vários?

B

Não... não... é modo de dizer. Os criminosos...

A

A ignorância pode sustentar a todos nós.

Se dá certo com políticos tem que dar com os outros, não é mesmo?

B

Então há política no meio.

A

Sempre há... sempre há.

B

Você leu em algum lugar ou tirou suas próprias conclusões?

A

Ou... ou... (abanam a cabeça)

B

Há pessoas incapazes de fazer mal a uma mosca.

Em compensação são uma ameaça à espécie humana.

A

Um tiro na cara... foi o que o tal Pimenta recebeu. Hediondo. Terrível!

B

Isso me ensina o seguinte: Jamais faça justiça com as próprias.

A

Claro que não. Podem até pensar que sou da polícia.

B

Mas isso é coisa de gente rica... é outro mundo, meu caro... outros quinhentos.

A

Você tem razão. Muitos outros quinhentos.

B

Uma coisa é todo mundo ser feito do mesmo barro.

A

Outra, bem diferente, é o sujeito pobre não conseguir tirar o pé da lama.

B

Há sempre duas leis. Uma para o rico e outra para o pobre...

A

E o pobre é sempre contado em estatística. O rico tem nome. Pimenta. O pobre...?

B

Realmente... não sejamos ingênuos. Estatística, não é?. 5% do país são os mais ricos. Se tirarmos deles tudo o que têm...

A

Desapropriação de riqueza, você quer dizer...

B

Isso... e distribuir... somente 5% da população sofrerá... e 95% da população será mais feliz. O que acha?

A

Acho nada... não me comprometa... A violência está atingindo as raias da loucura e lá, você sabe, a entrada é franca.

B

É... mas, não é pra esquecer de que fazem muita coisa em nome da lei...

A

Sei... inclusive vítimas.

B

Mas, no caso dos Pimenta os jornais dizem de que todos os envolvidos vão pagar...

A

Alguns pagarão com cheque, pode ter certeza.

B

Vamos para casa e ver o que os noticiários dizem...

A

Vamos, antes que uma bala perdida pega a gente aqui...

CENA 11

INT. RESIDENCIA DO SERGIO

(Lê jornais e Kaiser entra / se serve de café)

SERGIO

É assassinato político. Só pode ser.

KAISER

Bom dia. Não dormi com você.

SERGIO

Bom dia. Não dormiu por que não quis! Olha! (olha com ar maroto apontando para o jornal) O segundo Pimenta estaria envolvido em política no passado, na época da ditadura... parece que era amigo do Garrastazu... aquele ditador gagá... O assassinato estaria ligado às atividades clandestinas da Máfia, CIA...

KAISER

No assassinato do primeiro Pimenta também havia motivos políticos, não é?

SERGIO

É... E a família negou. Acho que a família mentiu nas duas vezes, Kaiserzinho. (KAISER está saindo com o copo na mão) E... Ei, aonde você vai?

KAISER

Ora, aonde vou. Pro escritório... Trabalhar, claro!

SERGIO

Você não está esquecendo nada?

KAISER

(tenta se lembrar, procura nos bolsos)

Creio que não.

SERGIO

Vem aqui um pouco.

KAISER

Que é? (se aproxima)

SERGIO

E meu beijinho de bom dia!

KAISER

AH! Vá te catar, Sergio Henrique.

SERGIO

Hoje não, estou de pacote. (lembrando) Espera aí. Vou com você.

CENA 12

RUA.

A

Soube que o famoso Kaiser Lupowitz está no caso.

B

Qual caso?

A

O dos Pimenta. Aquele bicha ricoço.

B

O Kaiser é bicha?

A

Não... o que morreu. Bichano, mas isso não vem ao caso.

B

Caso ardido esse, hein?

A

Ninguém tem idéia de coisa alguma até agora. Todos contam com a inteligência do Kaiser.

B

Também... por que defender idéias?

A

Para ser original, homessa.

B

Ninguém mais está defendendo o que pensa.

A

Quanto se deve defender? Hein? Até que profundidade se pode ir num caso como este?

B

Toda idéia deve ser defendida com a mesma tenacidade com que é atacada. Se possível mais. Se não for possível, mais ainda.

A

A família deve ter contratado uma junta de advogados. Pagos a preço de ouro, colega.

B

Esse caso parece coisa das elites. Coisa de gente rica.

E quando é das elites acaba sobrando para nós,
os marginais, a escória da humanidade, caro colega.

A

Concordo com Vossa Senhoria.

Deve-se fazer algo pela salvação da alma... e tudo pela salvação da pele.

B

Vossa Senhoria sabe... Pessoas com peso na consciência deixam pegadas tão comuns quanto as outras.

A

Talvez pegadas mais profundas... por causa do peso da consciência.

CENA 13

(INT. NOITE. CASA SALA DOS PIMENTA, TONS DE AZUL)

(Kaiser e Sergio entram furtivos / Vasculham / sussurros)

KAISER

Arrá!

SERGIO

Que foi?

KAISER

A agenda do Pimenta. E olhe aqui.

SERGIO

(Lendo a página, sem muita convicção)

Sergio vem examinar gravura. Preparar canapés. E dai?

Ele apenas anotou a visita na agenda, para não es...

KAISER

Veja a data, homem!

SERGIO

(colocando a mão na cintura, tomando a agenda)

Homem!!? Isso é jeito de falar comigo? Assim você me ofende.

KAISER

Lê isso aí. Você nem deveria estar aqui.

SERGIO

A visita estava marcada para aquele dia, e não para dois dias antes.

KAISER

Ele se enganou de dia. Botou que você viria hoje, e não anteontem.

Você vê, claro, o que isto significa.

SERGIO

Ahn... Francamente,... não.

KAISER

Sergio! Se alguém olhasse a agenda, pensaria que você só viria examinar a gravura hoje.

Se esse alguém fosse o assassino, pensaria que tinha tempo para agir,

antes que você descobrisse.

SERGIO

Descobrisse o que?

KAISER

Que a gravura era falsa!

(Kaiser fica olhando para ele. Se olham tensos.

Sergio bate u'a mão contra a outra)

Cheguei, sim.

SERGIO

Aonde?

KAISER

Cheguei a uma conclusão. Não era isso que você queria saber?

SERGIO

Mas isso é espantoso. Como você consegue... deduziu outra vez?

Há tanta evidência assim no meu olhar?

KAISER

Elementar, meu caro Sergio Henrique. Vi como você me olhava com ansiedade, e ao mesmo tempo hesitava em interromper meus pensamentos. Queria satisfazer sua curiosidade mas temia que ela fosse prematura, e desviasse meu raciocínio antes de chegar a uma conclusão. Pois cheguei a uma conclusão. Ou, antes, a várias conclusões.

SERGIO

Como é que pode ter mais de uma conclusão, Kaiserzinho?

KAISER

Vamos recapitular o que temos até agora. O Pimenta pede que você venha ao seu apartamento examinar uma gravura alemã do século XV, sobre cuja autenticidade tem dúvidas. Chega em casa e anota a tua visita na agenda. Só que anota no dia errado, dois dias depois, por engano. Alguém olha a agenda e descobre que você irá examinar a gravura e que você poderá, com um olhar aguçado de lince fúcsia, desmascarar a obra como falsa. Mas, ele não sabe que você já visitou o apartamento e já descobriu que a tal obra é mais falsa do que...

SERGIO

Do que euzinha... Matam o Pimenta e roubam a gravura.
Que conclusões podemos tirar, até agora?

KAISER

Bem... Em primeiro lugar, o assassino era alguém que o Pimenta conhecia intimamente,
pois tinha acesso a sua agenda.

SERGIO

(palmas)

Bravo! Tão íntimo que entrava e sai, livremente... entrava e saia/ entrava e saia / do
apartamento, quero dizer... pois não há indícios de que o assassino tenha forçado a entrada.
Pelo menos a polícia não relatou violência alguma nas portas (Sergio bate palminhas)
Segunda conclusão, já que há várias, como você disse: o assassino me conhece.

KAISER

Como?

SERGIO

Sabia que eu fatalmente descobriria que a gravura era falsa.

KAISER

Espere ai. Você é conhecido na cidade como um especialista em arte.
Quase todo mundo o conhece.

SERGIO

Biblicamente, você quer dizer?

KAISER

Claro, todo mundo menos... Eles. Todo mundo o conhece como um artista de renome.

SERGIO

Mas poucas pessoas sabem que eu sou tão bom que conseguiria distinguir um Schongauer verdadeiro de uma imitação de Schongauer, só com o olhar, ainda mais, devo ser sincero... aquela era uma ótima imitação.

KAISER

Quantas pessoas sabem que você poderia descobrir a imitação?

SERGIO

Bem... Na verdade, só uma pessoa teria tanta certeza de que eu identificaria a fraude a ponto de matar para evitar que eu a visse.

KAISER

Eis o nosso assassino!

SERGIO

Só tem um problema.

KAISER

Qual?

SERGIO

Ele esta desaparecido há quinze anos.

KAISER

Quinze anos?

SERGIO

Pensando bem, está desaparecido desde a época do primeiro caso de assassinato de Pimenta. Desde a morte do primeiro Pimenta. Daquele irmão que foi assassinado da mesma maneira que o Pimenta de agora.

KAISER

É só encontrar a pessoa e teremos o homem que matou o Pimenta e roubou a gravura.

SERGIO

Isso se minha teoria estiver certa.

KAISER

Suas teorias raramente estão erradas, meu caro.

SERGIO

(se debruça sobre KL)

Você sabe que meu caro é meu querido em italiano?

KAISER

Sei.

SERGIO

E então?

KAISER

Então nada. É apenas maneira de falar.

SERGIO

(deixando pra lá com a mão) Há coisas neste caso que me intrigam. Fora a coincidência dos irmãos Pimenta terem sido assassinados da mesma maneira, num espaço de quinze anos, e de a família sustentar que o primeiro Pimenta foi morto porque era homossexual,

quando era notoriamente um ativista político, e que o segundo Pimenta foi morto por razões políticas, quando era notoriamente um homossexual. Que intrigante!

KAISER

Intrigante?

SERGIO

Esse troca troca.

KAISER

Que outras coisas o intrigam?

SERGIO

Quando me convidou para examinar sua gravura, o segundo Pimenta disse que a tinha comprado recentemente. Mas corre nos círculos que ambos frequentamos, ou frequentávamos, já que ele está morto, de que o Pimenta não tinha mais dinheiro. Vou te falar um segredo... À medida que envelhecemos os garotos custam cada vez mais caros, não adianta construir grandes casas e gastar o dinheiro da tia, pois os jovens já se tornam muito volúveis. O amor verdadeiro... Deixa pra lá! Enfim... O Pimenta não tinha dinheiro, enfim, e se tivesse, certamente não seria para comprar gravuras alemãs do século XV. Enfim, o que parece mais provável é que quisesse vendê-la. Enfim, e não comprar. Enfim... Por isso precisava da avaliação.

KAISER

Um presente do assassino. Que, na iminência de ver seu valioso presente denunciado como falso...

SERGIO

Mas se o assassino era tão íntimo do Pimenta, a ponto de ter acesso a sua agenda e frequentar seu apartamento sem empecilhos, por que não roubou a gravura, simplesmente, para evitar que eu a visse?

KAISER

Talvez tivesse tentado roubá-la.

O Pimenta o flagrou, eles lutaram, e ele teve que atirar.

SERGIO

Não há sinais de luta no apartamento. E ninguém carrega uma espingarda para roubar uma gravura. E o tiro no rosto? Como se a intenção fosse a de desfigurar, para dificultar a...

KAISER

...Identificação. O primeiro Pimenta também ficou desfigurado?

SERGIO

Sim. O primeiro Pimenta também ficou desfigurado.

Nos dois casos, foi a mãe deles que identificou o corpo.

CENA 14

EXT. CASAL NA RUA / LANCHONETE / MUSEU

A

Incrédulo! Eu acredito que há uma justiça. Não se mata impunemente.

B

É bem mais fácil reconhecer um mau caráter quando ele não se parece conosco.

A

Isso mesmo. Punidos venceremos!

B

Muito bem, meu caro colega... É bom revisar os conceitos, de vez em quando.

A

Afinal, desconceituar é tão importante quanto conceituar.

B

Não sei como funciona nas elites, entre socialites, sabe... essas pessoas que freqüentam colunas sociais... e coisas desse tipo...

A

...mas é certo... um dia é da caça e o outro é o dia da extinção da espécie.

B

Colunas sociais... Não há nada pior do que sair nelas... Vossa Senhoria sabe que é um verdadeiro inútil mundano quando tua fotografia sai numa coluna dessas...

A

V.S. quer dizer que se eles se matassem todos... os ricos e poderosos... médicos e monstros...

B

Sobrava mais espaço... é claro.

A

Um, dois, três Pimentas seria ótimo.

B

Quatro Pimentas mortos seria o ideal...

A

É uma idéia. Uma boa idéia...

B

Filho de peixe contaminado peixinho contaminado é.

A

A lei prosaica. Podre com podre se paga.

B

E o negócio pior é que estão atirando na cara dos Pimenta.

A

Se baterem na tua face... oferece a outra, especialmente se V.S. não estiver armado.

B

Devemos perdoar nossos inimigos assim como perdoamos nossos devedores. Com juro.

AS

(debochando) É isso mesmo, meu povo. Aviso aos poderosos.

Braço a torcer eu não dou mais do que dois.

(saem)

CENA 15

RUA. PORTA CASA DOS PIMENTA

(SERGIO está esperando / passa alguém e debocha dele / Sergio dá uma surra de bolsa no cara / volta ao lugar / chega o taxi / Kaiser desce do taxi / SERGIO está exasperado / faz sinal com o relógio / entram para a sala vazia)

KAISER

Desculpa pela demora. Tive um caso...

SERGIO

Hoje você não foi ao seu escritório, no-va-men-tchi. Que eu sei...

KAISER

Bom dia... não dormimos juntos.

SERGIO

Mas, dessa vez foi quase... quase... Você precisa beber mais vezes Kaiserzinho...

KAISER

Já tocou a campainha?

SERGIO

Já... Logo logo nos receberão... Um mordomo muito fino.
Quero ver como está a mãe dos pobres irmãozinhos assassinados.

KAISER

Veio de carro?

SERGIO

Nunca... nunca...nunquinha...
não dirijo mais desde o dia em que um táxi bateu na minha traseira
e eu pulei para brigar com o motorista...

FLASH DEVANEIO

sob texto em off que segue / o carro de Sergio recebe um solavanco / ele olha para trás e sai / do outro carro sai um sujeito cuja tomada de cena tenha que ser feito de baixo para cima dando idéia de uma pessoa muito grande / peludo e careca / quando os dois se aproximam o motorista começa a gritar e percebemos que tem voz final,e trejeitos feminis / os dois se batem nas mãos em xingamentos /e de repente se abraçam)
... e só quando já estávamos roçando farpas e unhas, engalfinhados como duas gatas selvagens, ali, no meio da rua...

MOTORISTA

Ai, menina, que coisa... eu não tive culpa foi sem querer...
você não pode parar assim sem mais nem menos.

SERGIO

Como, tipo assim, sem mais nem menos... eu dei sinal.. eu dei eu dei eu dei...

MOTORISTA

Deu nada... foi falta de atenção... ah! Mas pêra ai... eu te conheço lá de São José...

SERGIO

Da boite... das baladas... menina!

(abraços)

(FIM DO FLASH / DEVANEIO)

KAISER

Você não me disse quem teria certeza que você identificaria a gravura falsa.

SERGIO

Rognon ... Nome estranho, não é? É francês. O pai dele viu a palavra num livro e achou bonita. (rindo) Quando descobriu que Rognon significava Rim, o garoto já estava registrado.

KAISER

Ele era...

(tempo)

SERGIO

Obrigado pelas reticências. Era. Mais do que eu, se isso é possível, benza Deus. Era entendido em arte também. Todos nós somos sempre cultos, professorais, intelectuais,

finos, sensíveis, adoráveis, feminis, artistas natos, bailarinos, artistas do teatro, da hidroponia... entendidos em arte e cultura... somos cultos, mesmo... verdadeiras sensibilidades ambulantes... explodimos em fagulhas culturais... você sabe... somos orgasmos petulantes e delirantes... doidos-doidos... você sabe...

KAISER

Não ... não sei não.

SERGIO

O sonho de Rognon era morar em Paris e...

(grito terrível como se visse algo ao longe. SH até sobe na cadeira como se fugisse de um rato e estica o braço, apontando)

Meu Deus!

KAISER

(sacando da arma e olhando para os lados):

...mas o que é que foi?

SERGIO

Quebrei minha unha... ah... que horrível... acabei de fazer... nem percebi!?...

KAISER

(guardando a arma) Dá um tempo, Serginho.

SERGIO

Agora já foi... que pena!... Bom... Ele foi criado junto com os Pimenta! Era filho de um capataz na fazenda deles e a mãe dos Pimenta praticamente o adotou. Como é que eu não me lembrei disso antes?

KAISER

Você não é perfeito, Serginho.

SERGIO

(decidido)

Não destrua minha última ilusão a meu respeito!

(a sra. Pimenta vem entrando / usa bengala / senta-se, luto, silêncios)

DONA PIMENTA

Que gritaria é essa!

SERGIO

(sussurra)

Ela é uma leoa.

(Ela estendeu uma mão imperial)

Nossas condolências. (pausa longa)

A senhora tem alguma idéia do por que disso tudo?

Por que de tanta morte?

SENHORA PIMENTA

Não sei... Meu filho foi assassinado porque sabia coisas demais sobre seus companheiros de luta política (olhando intensamente para os dois).

KAISER

E o seu segundo filho?

SENHORA PIMENTA

Eu estou falando do meu segundo filho! O primeiro morreu por causa das más companhias. (olha para S) Como você! (olha para KL / muda o tom) O senhor também é...?

(quebra a munheca)

KAISER

Não... eu só durmo no quarto da empregada...

(olhar de dona Pimenta tentando fingidamente querer entender)
sozinho... a senhora quer dizer: Má companhia ou político?
(pausa, se entreolham) Bom... eu acho que...(Sergio o cotuca).

DONA PIMENTA

(seca)

Eu quero dizer o que eu disse.
(pausa amarga) Péssimas companhias... o tempo todo, por toda parte.

KAISER

Não entendi... (SERGIO vai pegar um coquetel).

DONA PIMENTA

Mal acompanhado, sempre...

KAISER

Se a senhora pudesse explicar...

DONA PIMENTA

Essa gente sem pudor... descarados...

KAISER

A senhora quer dizer, sem cara... descarados é sem cara... como o morto
(dona Pimenta o olha como se quisesse entender)
Apenas um detalhe para esclarecer...

DONA PIMENTA

(gritos) Viados... Viados... Muitos viados por toda parte...! Chovendo viados....

SERGIO

Me chamaram?

KAISER

Calma Sergio Henrique que a mulher teve um ataque.

DONA PIMENTA

Quem teve ataque foi tua mãe!

SERGIO

Eu não conheci seu primeiro filho, dona, (com o dedo) em primeiro lugar. Mas conheci o segundo, em segundo lugar. E, em terceiro lugar, sempre ouvi dizer que o primeiro era o que a senhora diz que o segundo era. Por último, minha senhora, o segundo era o que a senhora diz que o primeiro era, em quarto lugar.

(enquanto S fala ela pega um vaso para jogar nele e é contida pelo Kaiser)

KAISER

Apenas procurava algumas respostas,
pois ele também se vira envolvido no assassinato do segundo Pimenta.

DONA PIMENTA

Envolvido como?

KAISER

Um dia, seu filho Pimenta, fez uma visita ao Serginho...

DONA PIMENTA

... Serginho não é?... vocês são bem íntimos...

KAISER

... e, depois efetuou um convite para Serginho, que é especialista em gravuras, examinar uma obra... uma peça de autor alemão. Queria saber se a peça era ou não um verdadeiro

Chongas.

DONA PIMENTA

Peça... que peça?

SERGIO

Que Chongas?

KAISER

Uma gravura ...

DONA PIMENTA

Gravura? Que catso de gravura?

SERGIO

(apontou com o dedo mindinho a balançar)

Aquela gravura, senhora Pimenta. Aquela.

DONA PIMENTA

Ridículo! Essa gravura é minha, seu putto! Nunca saiu desta parede.

SERGIO

Ai! É estranho, pois há exatamente quatro dias estava na parede do escritório do seu filho, onde eu a examinei.

DONA PIMENTA

Você a examinou? Mas você só iria no outro dia...

(O telefone toca / corta a conversa... ninguém atende... olham-se / o telefone para / dona Pimenta os encara)

SERGIO

(levantando-se, batendo os calcanhares no estilo prussiano)

Bom dia, minha senhora.

(sai / Kaiser vai atrás)

CENA 16

INTERNA. CASA ESTRANHA. SURREAL

(FOCO NO TELEFONE/ telefone toca, toca e para,
duas pessoas entram para atendê-lo / O TELEFONE PARA)

A

Parou de tocar...

B

Estava tocando há uma eternidade...

A

Eu sei. Eu ouvi. Por isso, eu vim atender.

Talvez alguma novidade sobre o caso... estou cauteloso.

B

É, mas desligaram...

A

No começo, há muito, muito tempo, me parece tão vivo que parece ontem, eu ouvia apenas um ruído vago e distante... Mas, dia a dia, o som foi se tornando mais claro. Um telefone...

E cada vez mais próximo... Cada vez mais nítido, mais íntimo e familiar...

B

E o que você esperava ouvir? Alguma acusação? A polícia?

A

Não sei... Eu não ousava pensar... Nem sei se a polícia telefona antes de prender... Para mim, atender ao telefone era como ler um livro. Eu, muitas vezes sonhava, antes de dormir, que quando chegasse aqui e atendesse ao telefone, o sentido de toda aquele assunto estaria resolvido... Seria a salvação... Ou alguma coisa terminada em ão.

B

É... Vai ver, era mesmo pra você...

A

Por que você não atendeu?

B

Porque, como se vê, não era para mim.

A

Como podia saber?

B

Eu nunca atendo telefones. E se eu nunca atendo, não era para mim.

A

Nunca?

B

Nunca.

A

Por quê?

B

Eu gosto de parecer ocupado... Gosto de fingir que não estou... Dá um certo ar...

A

Pra quê?

B

Isso faz com que eu me sinta poderoso... Não se preocupe, era pra você. Mas não era importante. Se fosse importante eu saberia.

A

Para mim, era importante...

B

Bobagem... Devia ser engano...

A

Não! Era para mim... Eu sei! Mas o que importa agora é saber o que isto quer dizer... O que significa eu chegar aqui e no exato momento em que eu vou atender, você aparece e o telefone para de tocar?

B

Só o Kaiser sabe... o Kaiser e aquele transviado...

A

Só o Kaiser deixaria tocar tanto... sendo algo importante.

B

Então não era para mim.

A

É... Digamos que fosse o Kaiser, e que fosse a bichinha e que fosse para mim... Se ele desligou bem na hora em que eu ia atender... Isto significa que... Que aqui não estamos

seguros... Claro! O sujeito passa uma eternidade acreditando que há um telefone que toca para ele, só para ele... E toca cada vez mais perto... E ele chega a sentir que o telefone tocará, sim, até que ele chegue, porque alguém do outro lado, não importa quem, quer guiá-lo até ele para dizer algo muito importante... Mas, enfim, quando ele chega...

B

O telefone para de tocar...

A

Diz pra mim... o que isso significa?

B

Ora, meu amigo, a mesma chave que abre o Céu, abre também o Inferno... confesso a você que eu, muitas vezes, como ninguém vinha atender esse maldito telefone, eu intimamente cheguei a duvidar, cheguei mesmo a desconfiar de tudo... E esse pouco nunca se completa e ninguém vem atender esse telefone horrendo, e eu nunca desperto deste pesadelo... Agora? Confesso que nessas horas de incerteza, mesmo que nem sequer um músculo do meu corpo demonstrasse o menor sentimento, no íntimo, eu olhava esse objeto nojento e o via como um mau presságio... Quem o teria colocado aí? E por quê? Pra quê?

A

O telefone é meu... fui eu que comprei!

B

Mesmo assim... Eu também me perguntava, no íntimo, em silêncio... E então você chegou e o telefone parou. Eis que agora toda dúvida se dissipa...

Não, meu amigo... não há certezas...

A

Uma piada! Apenas isto: uma piada de mau gosto.

B

Não! Mas depois que você chegou, tudo mudou! Sinal de que já podemos ir. Estou bem?

A

Não me parece mal...

B

Então vamos!

A

Para onde?

B

Ora... Não sei... Foi você quem veio me buscar...

A

Você está louco. Eu vim por causa do telefone.

B

Claro! Por isso o telefone parou!

A

Exatamente na hora em que eu iria atender...

B

Foi melhor assim...

A

Por quê!?

B

Prefiro assim: nada fizemos. Ele apenas se extinguiu por si mesmo. Eu tinha um mau pressentimento... Uma espécie de medo.. Infantil, é claro... Um medo de que o mundo irremediavelmente explodisse em mil pedaços e me prendessem se alguém erguesse esse objeto e dissesse alô... Não, eu preferia que tudo continuasse como estava... Melhor, mais prudente... Tudo bem, tocava sem parar, ninguém atendia, era chato, mas, tudo bem, eu já estava acostumado. Nada acontecia, é certo, mas, em compensação, algo de grandioso sempre estava para acontecer... Então você chegou e o telefone parou. Logo, sua chegada só pode significar uma coisa: o fim de toda espera para mim. Vamos?!

A

Eu não consigo acreditar...

Tudo isso por conta de um telefone.

De um telefone que eu já nem sei mais se tocava mesmo...

B

Eu também ouvia...

A

É verdade...

B

Mas você reparou se alguém mais ouvia?

A

Ninguém...

B

Ninguém ouvia ou não havia ninguém?

A

Não sei...

B

Não sabe? Isso é muito importante...

A

O que me importa isso agora?

B

Muito, muito! O que você esperava encontrar!?

A

Não sei...

(o telefone toca, saem os dois, o telefone toca até a próxima cena, chato e contundente,
mescla com...)

CENA 17

INT. CASA DE SERGIO. O FONE TOCA

(SERGIO está com robe amarelo limão, cheio de babados e penachos. Antes KAISER atende o telefone. Fica a ouvir, caras e suspeitas. Suspeito quando SERGIO entra. Tensão).

SERGIO

Kaiser querido, tudo isso é muito ri-dí-cu-lo!

KAISER

Pelo amor de Deus, me explique o que tudo isto significa!

SERGIO

Como assim? Esse robe eu comprei na Salomé. Os colares são Dior...

KAISER

Não estou falando nada disso. É incrível! Eu não tinha visto a tal gravura na parede. Mas você aparentemente a viu no momento em que entrou na sala. Você está muito familiarizado com tudo isso.

SERGIO

Vi mais do que isso. Aquele vaso que ela quase atirou na minha cabeça. (nervoso) Embora possa parecer uma raridade do século XVIII para os olhos de um leigo, na verdade foi feito em Milagres, ou Monte Santo, sei lá. Por que a senhora Pimenta, dona de uma das fortunas mais antigas deste país, tem uma gravura falsa na parede e um vaso falso para atirar nas visitas?

KAISER

... vai ver que por isso... jogando vasos falsos nas visitas ela nada perde...

SERGIO

Não... não!

KAISER

Estaria... Está arruinada.

SERGIO

É provável. Tem investido muito na carreira política do terceiro filho Pimenta.

KAISER

Pimenta o caçula.

SERGIO

E, com sucesso, pois as perspectivas dele na política são brilhantes.

KAISER

Foi ela que tirou a gravura do apartamento do filho.

SERGIO

E viu a agenda em que ele marcara minha visita para o dia errado. Precisamos ir à polícia.

KAISER

Mas certamente não foi ela...

SERGIO

...Que matou o filho? Não. Isso não é próprio das leas.

KAISER

A senhora Pimenta não tivera qualquer dúvida na identificação. Assim como não tivera qualquer dúvida em identificar o outro filho, assassinado nas mesmas circunstâncias, quinze anos antes. Mais uma coisa. O tiro fora dado a queima-roupa, seguindo os relatos dos policiais e dos jornais.

SERGIO

Na cara... foi o que disse o inspetor.

KAISER

A vítima só não reagiria, afastando o cano da espingarda do seu nariz, se estivesse contida de alguma maneira... presa, atada, amarrada... Ou se não acreditasse, de maneira alguma, que o assassino seria capaz de atirar.

SERGIO

Talvez tenhamos que refazer alguns conceitos zoológicos, meu querido detetive.

KAISER

Como assim? Explique-se.

SERGIO

Depois te falo. As relações entre veados e leas.

KAISER

Serginho, eu odeio quando você é críptico... enrustido... fechado...

SERGIO

Enrustido?... Mas eu já saí do armário há muito tempo, meu amor. Você me prefere mais aberto? Mais exposto? É Kaiserzinho?

KAISER

Você me entendeu.

SERGIO

Mas você não...

KAISER

Uma leoa não mataria o próprio filho. A não ser...

SERGIO

A não ser?

KAISER

Para proteger um filho favorito. Um filho predileto... um primogênito, talvez...

SERGIO

Precisamos ir à Polícia.

KAISER

Eu vou.

(KAISER sai. S fica e manifesta nervosismo. Batidas na porta.

Tempo para a tensão. SERGIO abre a porta é SENHORA PIMENTA)

SERGIO

Madame Pimenta em pessoa.

DONA PIMENTA

Sim, lady Pimenta... ou baroness de Sauce Chaude... Madame Pimenta! Só para desmentir a lenda de que eu nunca entro em casas da marginália... de gente da plebe... menores da ralé... do povo... do pobretão... dos bagaceira do mundo... das buchas de canhão...

SERGIO

Já entendi, madame Pimenta...já entendi...

DONA PIMENTA

Desses filhos da puta... (se posicionando como lady) Quanto mais, assim, desacompanhada... (pausa, enquanto ela vistoria o local) Venho pedir desculpas pelo meu comportamento.

SERGIO

A senhora deseja conversar sobre o que? Gravuras, vasos... espingardas?

DONA PIMENTA

Espingardas?

SERGIO

Não interessa o assunto? Eu puxo outro, se for o caso.

DONA PIMENTA

Não sei onde quer chegar... senhor... Viadão... mas eu sei muito pouco sobre armas.
(cara de sofrimento falso) Minhas mãos são fracas.

SERGIO

Pois eu digo que sempre desconfiara que aquela sua fotografia na coluna da Volpe, numa caçada em sua propriedade, com uma espingarda de dois canos num braço e um Orleans e Bragança no outro, era montagem.

(a mulher olha como se procurasse algo)

Não adianta que não há vaso algum para atirar na minha cabeça, para não fugir ao seu hábito. Vai ter que se controlar, dona baroness (prolonga o s).

Não pode arriscar me ter como inimigo.

DONA PIMENTA

Me ter com o inimigo? Quem quer meter com você, pornógrafo imundo!

SERGIO

(macho e quase gutural)

Ter a mim como inimigo.

(mudança gay)

Ficou melhor?

DONA PIMENTA

Você praticamente me acusou de eu ter matado meu próprio filho!

SERGIO

Somos gente educada. Falamos com metáforas, la finesse oblige, mas a senhora sabe o que eu sei. Não me admirarei se a madame voltar aqui esta noite para me matar.

DONA PIMENTA

Seja como for, um conselho, enrole o tapete persa, porque sangue mancha bastante.

SERGIO

A senhora está divagando, madame.!

DONA PIMENTA

Você acha? Segundo você, uma mulher capaz de matar um afilhado,
o que não faria com um mero conhecido...
ou com a porra de um filha-da-puta de um bosta de uma bicha da plebe?

SERGIO

A senhora disse... "afilhado"? Além de gravuras falsas, vasos falsos e armas, teremos de
falar de filhos falsos, também?... e cicatrizes, talvez?

DONA PIMENTA

Cicatrizes? Bom... (meio sem graça)

SERGIO

Reconheci uma cicatriz no corpo morto do morto
(olha em redor para ver se falou certo)
...e, estranhamente, quem tinha aquela cicatriz era o desaparecido Rognon
(pausa) o pobre Rim.
Inacreditável que seu filho e seu afilhado tivessem a mesma cicatriz, no mesmo lugar.

DONA PIMENTA

Mas o senhor Sergio nunca viu o corpo do morto. O senhor está mentindo!

SERGIO

Nunca deixo de me maravilhar com a escala moral das pessoas. Estamos falando de uma
mulher que deu um tiro na cara do afilhado... a senhora está horrorizada!
(KL entra na sala e ouve o final da conversa)

KAISER

Uma pequena mentira estratégica não horroriza ninguém.

SERGIO

Claro que não vi o corpo. Mas meu palpite estava certo.

DONA PIMENTA

Não! (desesperada) Eu imploro. Não contem a ninguém essa descoberta.

KAISER

Eu vou pensar.

(SP sai visivelmente acanhada e preocupada)

SERGIO

(olha para o Kaiser e repete, coquete)

Eu vou pensar. (ela sai abruptamente)

Posso ter assinado minha sentença de morte, mas foi divertido. Eu vou pensar...

KAISER

E o que mais você descobriu, Serginho?

SERGIO

Eu só tinha um palpite (servindo-se de conhaque).

KAISER

Lá vai ele. Cassis para meditar sobre seus casos, Martini para fugir deles e Conhaque para comemorar uma solução.

SERGIO

Evidente... É, evidentemente, hora de comemorar. Tudo se esclareceu quando a Madame Pimenta caiu na minha armadilha, e confirmou o que eu apenas suspeitara: que o corpo encontrado há dias no apartamento do Pimenta, sem rosto, não era o do Pimenta. Era do Rognon.

KAISER

O Rim francês. Quer dizer que o Pimenta continua vivo!

SERGIO

Vivo e bem e preparando-se para gastar o que restou da fortuna da sua mãe em algum paraíso, longe daqui. A chave de tudo era o Rognon. Fiquei intrigado. Por que ele desaparecera logo depois do assassinato do primeiro Pimenta? E por que reapareceria agora, para o segundo Pimenta? Ele... (toca a campainha do interfone. SERGIO atende.

Tensão) Sim. (para KAISER) Há alguém na portaria do prédio que quer entrar.

Ela voltou. Eu sabia.

(Enquanto faz uma cena com o interfone a SENHORA PIMENTA surge lá do fundo. Carregava um estojo, abre o estojo, tira uma espingarda, aponta para o rosto de SERGIO.

KAISER tenta reagir, mas SERGIO. o detém com um gesto.

Continua rodando seu copo de conhaque).

SERGIO

Madame Pimenta, eu estava a ponto de contar todo o estranho caso dos três Pimentas ao meu amigo detetive, Kaiser Lupowitz. Sua presença aqui me ajudará. A senhora pode preencher os pontos obscuros e corrigir se eu estiver errada... (movimento brusco dos três, estranham, tensão)... se eu estiver errado.

KAISER

A chave de tudo era o Rognon. Por que ele desaparecera depois do assassinato do primeiro Pimenta?

SERGIO

Porque sabia demais.

KAISER

Talvez tenha sido ele mesmo quem providenciou o pobre coitado que morreu no lugar do primeiro Pimenta, há quinze anos. Ou seja, o primeiro Pimenta também pode estar vivo!

Nenhum Pimenta morreu! Sim. As peças se encaixam. Os três Pimenta estão vivos! O

primeiro precisava morrer porque suas atividades subversivas estavam a ponto de serem reveladas, prejudicando a carreira política do seu irmão mais moço. É preciso lembrar que estávamos em 1968. Quando qualquer ligação com a guerrilha seria fatal para um político, ainda mais um político conservador como o jovem Pimenta. Mas mamãe Pimenta aqui presente, tinha a solução.

SERGIO

Cuidado Kaiser eu te peço... (bebe)... as conclusões são suas, mas, a cabeça é minha...

DONA PIMENTA

E o cano da espingarda é meu...

KAISER

(pedindo silêncio, como se só ele existisse)

Forjou-se o assassinato do primeiro Pimenta e a própria família espalhou que ele era homossexual, bicha, veado, baitola, pervertido, puto, xibungo, lombriga, mulherzinha, boiola, marica...

SERGIO

Chega, Kaiser, já deu para entender...

DONA PIMENTA

Ô, se deu!

SERGIO

Tenho certeza... que deu!

KAISER

E ele morreu por isso... morrerá por isso... mais que perfeito para ficar um texto perfeito. Afinal, na época, ter um homossexual na família era um embaraço social, mas não era um embaraço político. Mamãe leoa matou vários coelhos com um tiro só. Livrou o filho

subversivo da prisão e da tortura e livrou o filho político da associação, mesmo indireta, com a clandestinidade e os castristas. O primeiro Pimenta foi para um exílio dourado.

SERGIO

Em Paris, tenho certeza ab-so-lu-ta... não duvide... Champs Elisèe, aposto.

KAISER

...onde sua mãe ia todos os anos levar-lhe dinheiro. E Rognon, afilhado e cúmplice, vendeu seu silencio por um estúdio na Rive Gauche, na Margem Esquerda, cercado de marroquinos de narizes e bigodes grandes, bem grandes, que sempre foi o seu sonho.

Estou certo até agora, madame?

(senhora Pimenta encostou a cabeça no cabo da arma para mirar)

Recapitulemos.

SERGIO

Acho que isso não é hora de recapitular, Kaiserzinho.

(Ele recuou a cabeça alguns centímetros para poder tomar um gole)

KAISER

Forjaram o assassinato do primeiro Pimenta, que saiu do país com papéis falsos. Rognon, que ajudou na farsa, também viaja? Sim. Durante quinze anos os dois vivem em Paris à custa do dinheiro da Madame Pimenta, mãe castradora e madrinha liberal.

SERGIO

E alcoviteira... em certo sentido...

KAISER

E cafetina, em outro sentido...

Até que, apesar da sua desesperada tentativa de manter as aparências...

SERGIO

... aquele vaso, senhora Pimenta, francamente! Só aparência!

KAISER

... a boa mamãe leoa vê se aproximar o fim da sua fortuna. Não há mais dinheiro para manter o primeiro Pimenta nem para pagar o silencio de Rognon. Este Rognon, então, decide voltar ao Brasil e reclamar o pagamento e ameaça contar tudo o que sabe. A família propõe pagá-lo com a tal gravura rara do século XV, um verdadeiro Chongas de Pitibiriba

S: Schongauer... Kaiser... Schongauer de Pitiberram...

KAISER

Sim... que vale milhões.

SERGIO

Bilhões...

DONA PIMENTA

Zilhões...

KAISER

Rognon concorda, mas antes quer que a gravura seja examinada pela única pessoa em Muganga que pode atestar a sua autenticidade.

SERGIO

Ou seja, euzinha.

KAISER

O segundo Pimenta, que não sabe que a gravura é falsa, o procura.

SERGIO

Marcamos uma visita no apartamento, onde eu examinaria a gravura.

KAISER

Mas por um lapso – sempre há um lapso e é nos lapsos que nós os detetives aparecemos –, anota a visita na agenda, mas, no dia errado,... dois dias depois. Madame Pimenta vai ao apartamento do filho, vê na agenda a data da visita, e, como sabe por informação do próprio Rognon que o caro Serginho não deixará de descobrir que a gravura não vale nada... nem uma pataca...

SERGIO

...e ainda por cima ficaria sabendo que a família está arruinada...

KAISER

... decide que é hora de usar sua providencial espingarda outra vez. Marca um encontro com Rognon no apartamento do filho e lhe dá um tiro na cara. Como pretende fazer agora com o nosso querido Sergio Henrique...

SERGIO

Só que na minha cara... sobre o meu tapete... espero que você esteja errado neste ponto, Kaiser...

KAISER

Correto até agora, madame?

DONA PIMENTA

Acabe logo que eu estou ficando com os braços cansados. E a arma pode disparar à toa.

SERGIO

Mas a senhora Pimenta não sabe de algumas coisas. UM: que eu já vira a gravura. Também não sabia que eu sabia da cicatriz do Rognon. Sim, o gosto pela arte não era a única coisa que nos unia. Dois: não sabe que eu menti, horas atrás, quando disse que tinha visto o corpo e a cicatriz. (histérico) Não vi, minha senhora. Foi um truque para que a senhora confirmasse minhas suspeitas. (grita) Ai, Meu Deus!

KAISER

A sua presença aqui, e a presença desses dois canos prontos para curar a ressaca do meu amigo, para sempre, levando de quebra a sua sinusite, confirma qualquer suspeita.

(tempo, gatilho, olhares, espingarda, bebericagens, jazz)

DONA PIMENTA

O que o fez suspeitar?

KAISER

O fato de que foi a senhora que identificou os corpos, sem qualquer hesitação. Uma mãe se apegaria à esperança de que os corpos sem rosto não fossem de seus filhos. Exigiria exames, faria um escândalo, talvez... uma alteração de voz... A senhora, ao contrário, fez questão de dizer que eram seus filhos. E uma coisa que o inspetor de polícia me disse, durante as investigações, ontem.

DONA PIMENTA

O que?

KAISER

Que uma pessoa só leva um tiro de espingarda à queima-roupa se não tem como afastar o cano da arma da sua cara... ou se não acredita que a pessoa puxará o gatilho. O pobre Rognon por certo não acreditou que receberia um tiro da sua querida madrinha.

DONA PIMENTA

E o senhor, Sr. Sergio, acredita que eu puxarei o gatilho, agora? (pausa)

SERGIO

E a senhora acredita que eu contarei tudo que sei à polícia? (pausa)

(SP aponta se decide e puxa o gatilho, que só faz clique)

KAISER

Terceira coisa que a senhora Pimenta não sabia.

(Kaiser leva a mão ao bolso e mostra os cartuchos / A sra. Pimenta baixou a arma, como se murchasse.. Olha para SERGIO algum tempo. Depois, em silencio, guardou a espingarda no seu estojo de couro e saiu. Então SERGIO desmaia bem cinematográfico, com direito a Uis e Ais. KAISER pega de um drinque, se aproxima como se fosse entregar o copo e se decide por jogar no rosto de SERGIO).

SERGIO

Ai, que bruto! Por que a sra. Pimenta insistira em dizer aos jornais que o segundo Pimenta fora assassinado por razões políticas?

KAISER

Ah! Temos aí uma pequena lição sobre o que o tempo faz com a moral e o instinto de sobrevivência faz com as pessoas. Há quinze anos, ter um subversivo na família era politicamente fatal para os negócios e as relações com a sociedade. Hoje, mesmo sendo amigo da família de um Bin Laden, por exemplo, você vence eleições..., hoje, esse tipo de coisa conta pontos. Mamãe leoa, segundo a sua teoria, queria assegurar para seu terceiro filho – o caçula - um pouco da simpatia da esquerda, dos negros, das mulheres que apanham, de pastores evangélicos negros e viados, das mulheres negras, dos deficientes pervertidos, dos padres pedófilos, dos negros viados deficientes, das lésbicas evangélicas que são muitas, aliás, um nicho eleitoral em expansão... queria o apoio dos desterrados, ao mesmo tempo que livrava o segundo Pimenta dos seus credores.

SERGIO

Mas, por que ela acreditou que não a denunciaríamos à policia?

Por que esse acordo que você fez de última hora?

KAISER

Classe, meu amigo. Naquele momento, mas, só naquele momento, nas duas extremidades daquela espingarda, não havia uma assassina e seu acusador, ou uma presa e o seu algoz,

mas dois espécimes da mesma classe. Você, Serginho de casta e elite bem assegurados e ela, baroness de ouros e de quilates. Madame Pimenta. No fim é o que prevalece. Classe e a origem do sangue. As vítimas, neste caso, foram um pobre coitado que nem sabe por que morreu e Rognon, que durante toda a vida se considerou um membro da família – sem sê-lo...

SERGIO

... algo como um falso quarto Pimenta... que tinha a sensibilidade e o bom gosto de um aristocrata, apesar do nome de Rim.

KAISER

É... Todos os Pimenta estão vivos e soltos em algum lugar... Rognon, no fim, descobriu que não passava de um agregado, assim como eu, um simples detetive. E, dispensável... Quando foi preciso salvar os filhos de verdade a Madame fez o que fez... ela optou pelo seu clã...

SERGIO

E você?... Já que você não pertence à elite... Quer dizer que você não vai à policia?

CENA 18

CORTE/RUA

(MADAME PIMENTA desce do prédio / barulho carros e sirenes de policia / faróis sobre ela tenta escapar indo para lá e indo para cá/ ela larga a arma e ajoelha com a mão na cabeça / pode ser algemada e levada para o carro / está algemada lá em baixo. Batem a porta do carro)

CENA 19

KAISER

Para mim, ricos e colarinhos brancos devem estar na cadeia desde que nascem. São sempre culpados. (levanta-se e vai desabotoando o sobre tudo) Venha aqui, vou mostrar uma coisa.

SERGIO

(Se aproxima como se fosse tomar um beijo).

Ui, finalmente! Agora? para seu quarto?.

KAISER

Que é isso, Serginho, tá maluco? Quero lhe mostra as tuas gravuras de Piranesi...

(ele tira debaixo do sobretudo)

... iguais as que cobrem as paredes do quarto.

SERGIO

Ai! Que medo! (ele rapidamente pega as gravuras).

KAISER

Veja. Piranesi pintava ruínas, você mesmo disse. Pura psicanálise. Era um arquiteto, um construtor, mas sua verdadeira paixão eram as ruínas. Quando não tinha mais ruínas para retratar em Roma, eu pesquisei, ele passou a fazer ruínas imaginárias. A criar novas ruínas.

Ele olhava uma coisa e via o futuro ruinoso dessa coisa. Eu sou o contrário. Olho a decadência e a amo, porque não vejo a decadência em si, na verdade, vejo a origem da coisa que decaiu. E vejo quem destruiu a coisa... por onde passou. Vejo os Átilas da humanidade. E tenho a maior vontade de apressar o processo dessa gente. Da pra entender?

SERGIO

Não. Mas dou assim mesmo, se quiser.

KAISER

(dá um vapo!)

Então vamos ao vinho do Porto.

SERGIO

Isso sim é que um excelente poder de dedução. (brindam) E de sedução.

KAISER

Elementar, meu caro. Chame de intuição feminina se quiser.

(brinde / olha para a câmera)

Mas, nada mais do que isso.

(sai)

Fim / créditos / música